



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DANIELE ALVARENGA MELQUIADES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA E PERCEÇÃO ESPACIAL NAS SÉRIES INICIAIS A  
PARTIR DO USO DE IMAGENS E AULA DE CAMPO**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**JULHO – 2016**

**DANIELE ALVARENGA MELQUIADES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA E PERCEPÇÃO ESPACIAL NAS SÉRIES INICIAIS, A  
PARTIR DO USO DE IMAGENS E AULA DE CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato Monografia, apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE - PB  
JULHO – 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M522e Melquiades, Daniele Alvarenga

Ensino de geografia e percepção espacial nas séries iniciais, a partir do uso de imagens e aula de campo [manuscrito] / Daniele Alvarenga Melquiades. - 2016.

44 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia 2. Imagem 3. Percepção Espacial 4. Aula de Campo 5. Recurso Pedagógico I. Título.

21. ed. CDD 372.891

**DANIELE ALVARENGA MELQUIADES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA E PERCEÇÃO ESPACIAL NAS SÉRIES INICIAIS A  
PARTIR DO USO DE IMAGENS E AULA DE CAMPO**

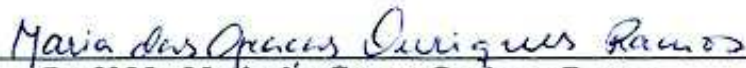
**Trabalho de Conclusão de Curso, no  
formato monografia apresentado ao Curso  
de Geografia da Universidade Estadual da  
Paraíba – UEPB, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Geografia.**

Aprovada em 30 / 06 / 2016

Nota atribuída 10,0

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Dr.ª Josandra Araújo Barreto de Melo**  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Ms. Marília Maria Quirino Ramos**  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos**  
Examinadora

Dedico a conclusão deste trabalho à Deus por ter me abençoado até aqui e à minha família por todo apoio dado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois em seu infinito amor nos enviou seu filho unigênito para morrer por nós na cruz e nos conceder o direito ao perdão de nossos pecados. Por ter me ajudado desde sempre em tudo quanto faço, assim como na conclusão do meu curso e por ter me dado a maior benção da minha vida, meu filho.

Às orientações da professora Josandra Araújo, pois deram-me um rumo quando eu estava mais desorientada, sem saber por onde começar. Também pelo carinho e paciência comigo e pela dedicação à sua profissão.

À minha família, em especial ao meu esposo, Lailson Silva de Souza por estar ao meu lado e me incentivar a concluir este trabalho, ao meu filho, Luís Gustavo, que mesmo tão pequeno, me dá forças para vencer as lutas de cada dia, aos meus pais, à minha irmã, aos meus avós, minhas tias, meus primos e primas pelo apoio de toda uma vida.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo desses anos por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa, em especial a professora Marília Quirino e ao professor Faustino M. Neto, que sempre me auxiliaram nas horas que busquei ajuda.

A todos os funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus amigos da turma do curso de Geografia, por todos os momentos pelos quais passamos juntos. Em especial, às minhas amigas Elane Jovino Carlos e Rosiely Sousa Teixeira, pois nos tornamos como irmãs ao longo desses anos, por nunca me terem deixado desistir desse momento e por todas as vezes que eu busquei ajuda e estavam lá por mim.

Enfim, a todas as pessoas que acreditaram na minha capacidade e torceram pela minha vitória todo esse tempo. Obrigada.

“Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história.”

(VESENTINI, 1998, p.37)

## RESUMO

MELQUIADES, Daniele Alvarenga. **Ensino de Geografia e percepção espacial nas séries iniciais, a partir do uso de imagens e aula de campo.** Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB/CEDUC/DHG. Campina Grande-PB, 2016.

O ensino de Geografia nas séries iniciais tem a finalidade de contribuir para a construção das primeiras noções de espacialidade das crianças, desenvolvendo sua capacidade de interpretação, observação e percepção do espaço em que estão inseridas, a partir das suas vivências e do conhecimento que elas já possuem. Porém, na forma tradicional de se ensinar Geografia, ainda tão utilizada, os conteúdos são apenas expostos para serem memorizados pelos alunos, não permitindo que os mesmos possam contribuir para a construção do conhecimento geográfico. Para que este último seja possível, torna-se necessário que os professores da disciplina utilizem recursos e metodologias que os auxiliem a trabalhar os conceitos geográficos de forma mais dinâmica e atrativa. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar como os alunos do 2º e 3º anos do ensino fundamental de uma escola da rede privada de Campina Grande-PB percebem o espaço ao seu redor, a partir do uso de recursos tão significantes para as aulas de Geografia: as imagens e a aula de campo, e aprimorar o “olhar espacial” dos mesmos, a partir dessas estratégias. Este trabalho foi desenvolvido com base no método fenomenológico, que enfatiza a importância do sujeito na produção do conhecimento, através da percepção que o mesmo tem sobre o espaço e as relações que ocorrem nele, a partir das experiências de vida de cada um. Os procedimentos técnicos utilizados no desenvolvimento deste trabalho consistem nas abordagens sobre a temática Espaço Urbano em sala de aula, e em seguida nos trabalhos realizados com diversos tipos de imagens e também nas aulas de campo para observação e reconhecimento do espaço. Os resultados encontrados mostraram que a ida ao campo e o trabalho com os diversos tipos de imagens facilitaram a compreensão dos conteúdos de Geografia estudados em sala, a partir do que cada aluno vivencia. Com este trabalho é possível concluir que para se ensinar Geografia, em especial nas séries iniciais, torna-se imprescindível o uso de recursos e metodologias que facilitem a compreensão dos conteúdos geográficos e que faça o aluno participar da construção dos conceitos através do saber cotidiano de cada indivíduo e da forma que o mesmo percebe o espaço ao seu redor.

**Palavras-chave:** Conhecimento Geográfico; Olhar Espacial; Produção do Conhecimento.



## ABSTRACT

MELQUIADES, Daniele Alvarenga. **Teaching of geography and space perception in the initial series starting from the use of images and class of field.** Monograph of the Course of Full Degree in Geography. UEPB/CEDUC/DHG. Campina Grande-PB, 2016.

The teaching of Geography in the initial series has the purpose of contributing in the children's literacy, developing his interpretation capacity, observation, and perception of the space in that they are inserted, starting from their existences and of the knowledge that they already possess. However, in the traditional form of teaching geography still so used, the contents are exposed just for they be memorized by the students, not allowing the same ones to contribute to the construction of the geographical knowledge. So that this last one is possible, it's necessary that the teachers of the discipline use resources and methodologies that aid them to work the geographical concepts in a more dynamic and attractive way. Like this, the present study has as objective analyzes how the students of the 2nd and 3rd years of a particular school in Campina Grande –PB, notice the space to his circuit, starting from the use of such significant resources for the classes of Geography: the images and the field class, and to improve the "space glance" of the same ones, starting from these methodologies. This work was developed with base in the phenomenological method, that emphasizes the subject's importance in the production of the knowledge through the perception that the same has about the space, and the relationships that happen in him, starting from the life experiences of each one. The found results showed that the departure to the field and the work with the several types of images facilitated the understanding of the contents of Geography studied at room, starting from the one that each student lives. With this work is possible to conclude that to teach geography, especially in the initial series, it is indispensable the use of resources and methodologies that facilitate understanding of the contents geographic and have the student participate in the construction of concepts through everyday knowledge of each individual and the way that it perceives the space around you.

**Keywords:** Geographical Knowledge; Space Glance; Production of the Knowledge.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Localização Geográfica da Escola Brasil Novo .....	22
FIGURA 2: Visita à Estação Velha e ao Museu do Algodão em Campina Grande .....	24
FIGURAS 3 e 4: Visita ao Açude Velho e às Estátuas “Os Pioneiros da Borborema”. .....	25
FIGURA 5: Visita ao Açude Novo .....	25
FIGURAS 6 e 7: Continuação do projeto em sala de aula .....	26
FIGURA 8: Parte do trabalho do aluno 1 sobre a Estação Velha.....	27
FIGURA 9: Parte do trabalho do aluno 2 sobre a Estação Velha.....	28
FIGURA 10: Parte do trabalho do aluno 3 sobre o Açude Velho .....	29
FIGURA 11: Observação em campo com as turmas.....	30
FIGURAS 12 e 13: Desenvolvimento do trabalho em sala.....	30
FIGURA 14: Anotações feitas sobre as ruas na observação em campo.....	31
FIGURA 15: Desenho do mapa produzido em sala .....	32

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O Significado do Olhar Espacial .....</b>	<b>11</b>
2.1.1 Conceituando o espaço .....	11
2.1.2 O estudo do espaço .....	12
<b>2.2 O Ensino de Geografia e a Percepção do Espaço .....</b>	<b>13</b>
2.2.1 Dificuldades em se ensinar Geografia .....	13
2.2.2 A percepção do espaço como ponto de partida .....	15
<b>2.3 Recursos e Metodologias no Ensino de Geografia .....</b>	<b>17</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
3.1 Método .....	20
3.2 Técnicas .....	21
3.3 Caracterização da Escola e das Turmas.....	22
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE A - PROJETO: OS 150 ANOS DE CAMPINA GRANDE</b>	
<b>APÊNDICE B - TRABALHO COM MAPA E AULA DE CAMPO</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Ensinar Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental é uma oportunidade que os professores da disciplina têm em participar do processo de alfabetização, contribuindo para a construção das primeiras noções de espacialidade das crianças. É nas primeiras séries que são estudados os conceitos de lugar, paisagem, território que se relacionam com cidadania e com a forma como cada um vê o mundo. Tais conceitos podem ser envolvidos nas aulas de Geografia com a finalidade de ensinar a criança a pensar a partir de suas próprias convicções, a criticar de acordo com sua própria opinião e a participar da construção do conhecimento ativamente.

Porém, torna-se difícil construir tais competências através das aulas que se desenvolvam somente por meio da descrição dos fatos, das exposições de conteúdos, das leituras de longos textos pelo professor, enquanto os alunos somente escutam sem, muitas vezes, compreender aquilo que está sendo ali reproduzido. Ora, o objeto de estudo da Geografia é o espaço no qual estamos inseridos, e as relações existentes entre a sociedade e o mesmo. Que maneira melhor, então, de se ensinar Geografia, do que a partir das experiências vividas por cada indivíduo?

As crianças também percebem o mundo ao seu redor, e o fazem com um olhar rico em detalhes, assim como indagam sobre as situações do cotidiano que as envolvem e que envolvem o mundo todo. Os professores de Geografia devem, então, auxiliá-las a desenvolverem este olhar, através do modo como cada uma percebe o espaço e que este está em constante movimento, e que elas participam dessa construção, a partir das experiências do cotidiano e buscando alternativas que facilitem essa tarefa.

Para proporcionar um ensino de Geografia que seja mais dinâmico e que envolva os alunos nas vivências da sala de aula, é necessário encontrar recursos didáticos e metodologias que ofereçam apoio ao trabalho do professor, que materializem os conceitos geográficos estudados em sala, recursos como os diversos tipos de imagens, presentes já no cotidiano das aulas, no livro didático, onde se encontram mapas, paisagens, fotografias, entre outras, e as aulas de campo, tão importantes para a disciplina de Geografia, pois leva o aluno a observar na realidade os conceitos e as situações vistos na escola.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar como os estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de Campina Grande/PB percebem o espaço da cidade, mediados pelo uso de imagens e aulas de campo. E

através desses recursos, aprimorar o “olhar espacial” dos alunos a partir da observação e da percepção, em conjunto com o desenvolvimento das aulas de Geografia no cotidiano escolar.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes. A primeira consiste em uma abordagem teórica sobre o Ensino de Geografia, onde apresenta o objeto de estudo da ciência geográfica e a partir de que perspectiva este deve ser estudado, passando pelas dificuldades de se ensinar a disciplina e como a percepção espacial que cada indivíduo possui pode auxiliar na compreensão dos conteúdos, a partir do uso de recursos e metodologias enquanto ferramentas de apoio ao trabalho pedagógico. A segunda apresenta o método fenomenológico pelo qual é desenvolvido, onde o sujeito percebe o espaço a partir de suas próprias experiências e relações sociais. Ainda nesta etapa, são também apresentadas as técnicas utilizadas para construção desse estudo e uma breve caracterização da escola e das turmas trabalhadas. A terceira parte apresenta as discussões e os resultados obtidos na execução das atividades realizadas com os alunos, que envolvem as imagens e as idas ao campo para observação do espaço e obtenção de informações necessárias para a construção das mesmas.

Para realização deste trabalho foram elaboradas duas atividades que envolviam ao mesmo tempo o uso das imagens e a aula de campo. A primeira referente ao projeto desenvolvido na escola sobre os 150 anos de Campina Grande, onde os alunos visitaram pontos importantes da História da cidade, mais tarde comparados às imagens antigas dos mesmos espaços, e a segunda atividade refere-se a uma caminhada pelo quarteirão da escola, com o objetivo de coletar informações necessárias à criação de um pequeno mapa, onde conceitos como escala e representação do real foram abordados, de acordo com a faixa etária dos alunos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O Significado do Olhar Espacial

#### 2.1.1 Conceituando o espaço

O objeto de estudo da ciência geográfica, o espaço, tem sido alvo de investigação de muitos estudiosos, acarretando dúvidas e opiniões diferentes, mas que a maioria expressa como a principal das categorias da Geografia “[...] espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população [...]” – Silva (1986 *apud* SANTOS, 2008, p. 77), muito complexa por estar em constante movimento.

O espaço se constitui de elementos físicos (naturais e artificiais) em conjunto com a sociedade e suas ações sobre o mesmo. Ele é produto da sociedade, modelado por ela, pelo capital e pelo Estado, sendo modificado ao longo do tempo e de acordo com os interesses de cada época. De acordo com Santos (2008, p.78):

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Sendo assim, o espaço é o produto das ações humanas, das relações sociais, produto ao mesmo tempo em que é social, é também histórico. “O espaço é a sociedade pelo simples fato de que é a história dos homens produzindo e reproduzindo sua existência por intermédio do processo de trabalho” (MOREIRA, 2007, p.90). Está em constante movimento e organiza-se através dos interesses da sociedade, por meio do trabalho.

Pode-se afirmar então, que o espaço em si é o resultado do trabalho humano sobre a natureza, de inúmeras transformações que se dão sob interesses e reflexões da sociedade, que o ocupa e o modifica. É então a ação humana que cria o espaço. De acordo com Santos (2008, p.96-97):

Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço.

É de fundamental importância chegar à compreensão do que é o espaço, porém, é igualmente fundamental entender o que o próprio conceito nos esclarece: que no espaço há movimento. Os elementos que fazem parte da sua constituição são exatamente aquilo que lhe dão mobilidade; a sociedade e suas ações, assim como os elementos artificiais e naturais (objetos), participam desse “fazer e refazer” o espaço, num processo que vem se dando ao longo do tempo, mas sabendo que cada situação, cada período, cada momento apresenta suas particularidades, suas motivações, seus diferentes resultados.

### 2.1.2 O estudo do espaço

O estudo do espaço é abordado por vários autores e o mesmo recebe diferentes denominações como: organização espacial, espacialização, teoria espacial. Mas não é a definição do nome em si que deve ser o alvo do aprendizado, das discussões, pois como diz Santos (2008, p.27), “O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam os mesmos.” Que categorias seriam essas então? Paisagem, lugar, território, região, habitat, entre outras. Analisando cada uma dessas categorias, sistematizando-as, é possível então abranger um maior número de características, dentre as inúmeras que o espaço como objeto de estudo apresenta (sociedade, natureza, formas, fixos, fluxos) e assim, então, facilitar a compreensão de todo esse movimento que é e que possui o espaço:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. [...] O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. (SANTOS, 2008, p. 28)

Essa questão de que no espaço há movimento é analisada também na obra “Pelo Espaço”, de Doreen Massey, (2008), onde é discutido o modo como o espaço era imaginado, que a autora chama de “conceituações problemáticas de espaço (como estático, fechado, imóvel, por oposição ao tempo) [...]” (MASSEY, 2008, p.41), assim como a relação espaço-tempo, na qual é enfocada a ideia de que por muito tempo um era subjugado pelo outro.

É necessário então trabalhar com formas de perceber o espaço em movimento, como de fato ele é, e então desconstruir a visão de uma Geografia que somente descreve o espaço, como se só existissem os fixos e nenhum fluxo. Aprimorar o olhar espacial dos alunos da disciplina Geografia é fazê-los perceber que eles estão inseridos no espaço como agentes transformadores do mesmo, e que a realidade da qual eles fazem parte é a base para aquilo que será discutido em sala de aula: “A realidade tem que ser entendida como algo em processo, em constante movimento, pois a produção do espaço nunca está pronta, encerrada: há uma dinamicidade constante.” (STRAFORINI, 2002, p.3).

## **2.2 O Ensino de Geografia e a percepção do espaço**

### **2.2.1 Dificuldades em se ensinar Geografia**

Sempre que se discute o tema Ensino de Geografia fala-se da grande diferença existente entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. É observado que o que os professores da disciplina aprendem nas universidades nem sempre é utilizado nas salas de aula, além de que é necessário seguir primordialmente os conteúdos do livro didático, o qual muitas das vezes fica sendo a única fonte de informação que o professor tem acesso na escola. Sobre essa questão do uso exclusivo em sala de aula do livro didático, Oliveira (1998) afirma:

O livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. [...] É este material, sem qualidade aferida ou ratificada pelos círculos acadêmicos das universidades e pelos professores da rede oficial, que se tem transformado no definidor da “geografia que se ensina” (Ibidem, p. 137).

É necessário que haja uma preocupação por parte do corpo docente das escolas em examinar aquilo que está sendo utilizado em sala de aula como base da transmissão de conhecimentos para os alunos e, mais importante ainda, compreender que o mesmo não pode ser o único ponto de partida para o planejamento das aulas, nem mesmo o único a ser utilizado no desenrolar das mesmas, ou o último a ser consultado como resposta verídica de cada atividade ou avaliação que são realizadas durante os anos escolares.

Na verdade, o ponto de partida inicial do planejamento do professor deve ser pensado de acordo com as expectativas que se tem do que os alunos sabem ou não a respeito do conteúdo a ser estudado. E o livro didático deve ser utilizado, mas deve ser também analisado, questionado, junto com outras fontes de pesquisa, inúmeras, e que hoje estão cada



vez mais presentes no cotidiano da sociedade, para que não continue acontecendo o que diz Oliveira (1998, p.138): “Nesse processo o professor foi perdendo ou, então, nem teve a oportunidade formar a sua condição de produtor de conhecimentos. Ele se tornou ou foi transformado em um mero repetidor dos conteúdos dos livros didáticos.”.

Essa questão do livro didático é apenas uma entre os muitos obstáculos encontrados pelos futuros professores ao fazerem a transição da Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar. Já é possível perceber, no entanto, que muitos são os debates e as discussões acerca de uma transformação na forma de se ensinar a Geografia, mas precisa-se perceber também que essas discussões ainda estão restritas ao universo acadêmico e que maiores interações devem ser feitas incluindo os atuais professores da Geografia nas escolas, antigos ou recentes em suas carreiras profissionais, para que muitas das ideias e dos novos caminhos discutidos dentro das universidades já possam fazer parte da vida escolar desses profissionais.

Fala-se muito em transformar a maneira de se ensinar Geografia nas escolas e, principalmente, em deixar de utilizar os conceitos prontos, para se construir o conhecimento em conjunto, professor e aluno, a partir do que o aluno já conhece do mundo ao seu redor, sabendo respeitar as limitações de cada um e de cada faixa etária a qual está sendo ensinada.

É essa construção e discussão sobre conceitos e conhecimentos já realizada nas Universidades, que deve ser inserida também no espaço escolar. E isso deve ser feito, assim como afirma Oliveira (1998, p.140):

Dessa forma, é fundamental que o professor participe do debate teórico-metodológico que vem sendo travado nas universidades. É através de sua inserção nesse debate que fará sua opção consistente acerca do caminho crítico que a Geografia e a escola devem ter.

A partir daí então, o professor se sentirá capacitado e até mesmo motivado a repensar suas maneiras e métodos de ensino, assim como a se superar e buscar não mais apenas transmitir o conhecimento geográfico a ele repassado, mas sim a construir junto com seus alunos o entendimento sobre os assuntos da disciplina e a fazê-los ter, assim, um posicionamento crítico acerca dos novos conhecimentos que os tornem capazes de criarem e construir seus próprios saberes.

### 2.2.2 A percepção do espaço como ponto de partida

O Ensino de Geografia nas escolas e, mais especificamente nas séries iniciais, deve estar cada vez mais direcionado em conseguir a atenção dos alunos para a concepção do que vem a ser o “carro-chefe” de todas as outras categorias geográficas: o “espaço geográfico, como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais” (OLIVEIRA, et al. 1998).

Cabe aos professores de Geografia, então, o dever de auxiliar os alunos a compreenderem o mundo em que vivem, o lugar no qual estão inseridos e a estabelecerem relações entre sociedade e o meio físico. Daí então surge a ideia de prepará-los também para que saibam exercer sua cidadania, os direitos e deveres, assim como expressam Castellar e Vilhena (2010, p. 2): “(...) queremos que nossos alunos ocupem um lugar na vida democrática, saibam fazer escolhas e compreendam o lugar em que vivem.”

Dessa forma, que melhor maneira de compreender o lugar em que se vive do que a partir das próprias práticas cotidianas? O que deve ser lembrado constantemente nas aulas de Geografia é que os próprios alunos já possuem um conhecimento adquirido do seu cotidiano, cabendo ao professor o papel de mediador na relação entre conhecimento cotidiano e conhecimento científico, pois assim afirma Cavalcanti (2008, p. 32): “o professor deve captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino.”.

O cotidiano do aluno, aquilo que ele percebe ao seu redor, deve ser, justamente, o ponto de partida do professor para a construção do conceito científico e, assim, tornar a compreensão dos conteúdos geográficos em exemplos da realidade cotidiana deles.

É de tamanha importância essa compreensão dos conceitos através do conhecimento adquirido e da percepção da realidade pelos alunos, que Vesentini (1998) afirma o seguinte:

[...] o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser “ensinada” ou vulgarizada, e sim no real, no meio onde aluno e professor estão situados e é fruto da práxis coletiva dos grupos sociais (Ibidem, p. 69).

Percebe-se, então, que a criança ao longo do seu crescimento busca compreender o espaço no qual ela vive por intermédio da observação, do olhar, das experiências vividas dia após dia. O seu pensamento acerca do mundo ao seu redor está se desenvolvendo, e ela vai dando seus próprios significados ao espaço, ao ambiente, ao lugar, às pessoas e aos grupos sociais dos quais faz parte.

Este momento em que a criança está percebendo e procurando entender o mundo à sua volta é totalmente oportuno e se encaixa perfeitamente ao conhecimento Geográfico que se tenta produzir nas escolas: a leitura do espaço e das relações que ocorrem nele.

Do ponto de vista da Geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo (CALLAI, 2005, p.235).

Conclui-se o quão importante é a leitura que a criança está fazendo do mundo, assim como saber conectar essa leitura aos conceitos e conteúdos de Geografia que são utilizados na fase inicial de escolarização, como afirma Callai (2005, p.234): “O importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam.”.

É nesse período do alfabetizar, do ensinar a ler e a escrever textos, que se deve também, com a mesma importância, instigar o aluno a ler os objetos dispostos à sua volta, ler o espaço e a organização dos elementos físicos, as relações sociais mais comuns às suas vidas, como os grupos sociais aos quais faz parte (família, escola, amigos...) e, assim, acostamá-los a olhar, observar, construir, questionar, não somente os conteúdos em sala de aula, os textos dos livros didáticos, mas também as imagens, as paisagens, as situações dos seus cotidianos.

Essa percepção do cotidiano deve ser tratada de forma que o aluno não perceba somente a sua realidade, mas que a mesma seja o ponto inicial para a compreensão da totalidade do espaço, pois “as partes que formam a totalidade não bastam para explicá-lo. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes.”. (SANTOS apud STRAFORINI, 2002).

Quando o ensino de Geografia para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental evita estabelecer a conexão entre o lugar (próximo) e global (longínquo) está fazendo um desserviço para o ensino, pois ao invés de trazer a realidade dos e aos alunos, está, na verdade, distanciando-os cada vez mais. (Ibidem, p.03).

A utilização do conhecimento prévio dos alunos nas séries iniciais referente às suas vivências e experiências cotidianas pode se apresentar um tanto quanto limitada, cabendo ao professor o papel de mediar a ponte entre o conhecimento local e o global, entendendo que somente dessa forma o espaço estará sendo estudado, e a compreensão de seus conceitos, da forma que a Geografia escolar deve ser desenvolvida para que não fique apenas na mera descrição dos fatos e dos acontecimentos.

### 2.3 Recursos e metodologias no ensino de Geografia

Como foi visto, é papel do professor de Geografia auxiliar os alunos a relacionarem o conhecimento de vida que cada um já possui, de acordo com as experiências de seu cotidiano, com os conhecimentos geográficos a serem estudados em sala de aula. Para tanto, existem inúmeras ferramentas, recursos e metodologias que vão além das atividades meramente descritivas do livro didático que, muitas vezes, representam situações ou lugares distantes da realidade dos alunos.

No mundo globalizado atual, onde os avanços tecnológicos e a velocidade das informações através dos meios de comunicação tem se tornado aspectos comuns do cotidiano da sociedade, é necessário que haja uma mudança no ensino de Geografia que acompanhe essas transformações, nas metodologias utilizadas nas salas de aula.

Ao utilizar-se das mais diversas formas de se ensinar um conteúdo em sala, o professor tem em mãos a possibilidade de levar o educando a interagir com o tema exposto, despertando seu interesse e aguçando sua criatividade, como diz Araújo et al (2012, p. 03):

Entusiasmados e ‘sujeitos do processo’ esses se interessam pelo tema, pela conversa, pela resolução de problemas e conseqüentemente pela disciplina, pois neste momento a geografia passa a “fazer parte” e ter sentido na vida do estudante despindo-se somente de conhecimento memorável e natural que muitos trazem.

Nesse contexto, os autores afirmam que o diálogo professor-aluno-tema é facilitado quando abrange a realidade dos estudantes, assim como quando é pensada qual metodologia ajudará a desenvolver os objetivos a serem alcançados em cada aula. “Somente através da utilização de metodologias de ensino instigadoras da curiosidade e da criatividade é que se pode operar uma transformação no ensino de Geografia.” (ARAÚJO et al, 2012, p.04).

O professor, então, deve traçar sua aula e, de acordo com os objetivos a serem alcançados em torno daquilo que se deseja que o aluno aprenda, pensar quais recursos e metodologias facilitará o desenrolar da mesma, assim como a chegar à compreensão dos conteúdos geográficos.

Um dos recursos que pode ser facilmente explorado e que se faz presente no cotidiano escolar são os diversos tipos de imagens: paisagens, mapas, lugares, gráficos, entre outros, e que são encontrados no próprio livro didático, ferramenta escolar que não pode ser esquecida e ainda muito utilizada nas aulas de Geografia, pois como afirma Calado (2012, p.16):

O livro didático não pode ser considerado um recurso descartável, levando-se em conta, as estratégias metodológicas que devem ser usadas para trabalhar com esse recurso, pois, este ainda é o meio, em muitas escolas, mais viável e mais acessível aos alunos.

Os diferentes tipos de imagens que se dispõem nos livros de Geografia são recursos didáticos que podem ser utilizados como base para iniciar um conteúdo, e durante todo desenrolar do mesmo, e não podem continuar sendo apenas figuras ilustrativas dos textos geográficos, apenas superficialmente observadas nas leituras didáticas. Ora, as imagens são textos não-verbais também passíveis de leitura, e de uma leitura ainda mais prazerosa.

O uso das imagens ao longo das aulas se torna uma importante ferramenta de leitura, onde através da observação do que está ali representado é aguçado na memória e na imaginação do indivíduo situações já vividas, ou algo já visto no cotidiano, o que pode facilitar a compreensão dos conteúdos das aulas de Geografia, pois as mesmas não serão somente leituras de textos longos ou descrições de uma realidade distante, mas trará inúmeras possibilidades de interpretação, que remete aquilo que é vivido, a partir de características, informações, da imaginação de cada um, fazendo-os criar relações com a realidade.

[...] O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações, etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo. Desse modo, podemos lançar diferentes olhares e fazer uma pluralidade de leituras do mundo (PILLAR, 2011, p.10).

O professor tem em mãos diversos tipos de imagens que pode utilizar em suas aulas, como uma paisagem, um mapa, um vídeo. A partir dos mesmos, o espaço pode ser analisado, observado ou comparado com outros espaços, de uma forma mais dinâmica. A imagem torna visível a configuração espacial dos lugares, a disposição dos elementos que constituem um dado espaço e que apresentam a história dos lugares e das sociedades. Nesse contexto, como afirma Martins *apud* Santana; Barbosa (2015, p.08):

O uso da imagem dentro da disciplina de Geografia é de fundamental importância e imprescindível, sendo um instrumento eficaz para auxiliar o professor em relação com os conteúdos a serem estudados pelos estudantes. Sabemos que a memória visual tende a ser mais eficaz para aprendizagem, assim explica-se o uso deliberado de imagem em sala de aula, seja ela para iniciar um conteúdo ou simplesmente para ilustrar que se passados de forma expositiva e teórica dificilmente seriam compreendidos pelos estudantes.

As imagens de paisagens e de mapas são recursos comumente encontrados nos livros de Geografia, recursos simples e de fácil acesso. E, ao utilizá-los em suas aulas, o professor deve seguir todo um planejamento que faça com que o tema que está sendo abrangido seja enriquecido pelos mesmos atraindo, assim, a atenção das crianças e o seu interesse para a aula, e familiarizando-as com a análise geográfica, através do desenvolvimento do olhar espacial, pois de acordo com Callai (2005, p.237):

[...] Esta é a nossa especificidade – por intermédio do olhar espacial, procurar compreender o mundo da vida, entender as dinâmicas sociais, como se dão as relações entre os homens e quais as limitações/condições/possibilidades econômicas e políticas que interferem.

Além do uso de imagens, existe também outra estratégia ainda pouco utilizada no ensino de Geografia escolar: a aula de campo. A prática da aula de campo nas escolas leva os alunos a terem contato direto com o espaço, ao serem direcionados pelo professor, uma vez que este tenha traçado os objetivos que busca atingir com as crianças ao longo das aulas, e as faz interagirem com as ideias e os conteúdos expostos em sala. Isso facilita as mesmas a desenvolverem o seu posicionamento crítico, pois diante da realidade, elas poderão criar seus próprios conceitos, assim como poderão questionar ou confirmar os que já existem.

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de Geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos (FARINA; GUADAGNIM apud ARAÚJO et al, 2012, p.05).

É correto afirmar então que “o trabalho de campo é um momento especial para o aluno, na medida em que o professor possa articular os aspectos teóricos dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula com a observação dos fenômenos e objetos do lugar em questão.” (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p.07) A aula de campo servirá, então, para “aprofundar os conceitos científicos” vistos nas aulas, onde os alunos terão a oportunidade de desenvolver a capacidade de observar, questionar, comparar a realidade daquilo que lhes foi apresentado em sala. Como afirmam Castellar e Vilhena (2010, p.06):

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade [...].

O professor de Geografia deve então estar preparado para desenvolver metodologias e trabalhar com recursos que acrescentem às aulas novas possibilidades, diferentes das aulas em que há apenas a memorização e a descrição, e que despertem nas crianças o prazer de estudar Geografia, de se encontrarem no espaço e na sociedade como cidadãos e como agentes modeladores do espaço.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Método**

O método utilizado para o desenvolvimento deste estudo foi o fenomenológico. Nesse contexto, o aluno percebe e participa da construção do espaço através da observação, da percepção, da construção de conceitos, da análise do cotidiano, das mudanças e transformações ocorridas no mesmo e percebidas no cotidiano.

Luiz Andrei Gonçalves Pereira e mais dois autores do artigo Geografia fenomenológica: espaço e percepção, publicado na revista on-line caminhos da Geografia (Uberlândia, 2010, p.174), afirmam que: A Geografia Fenomenológica está pautada na percepção, considerando o mundo vivido e a subjetividade, que é de suma importância para a compreensão do espaço.

O olhar, o observar, perceber o mundo no qual se vive através das experiências, dos sentimentos do sujeito, define este último como integrante do processo de conhecimento que é produzido por intermédio da relação sujeito-objeto.

O indivíduo para a fenomenologia na Geografia Humanista, a partir de suas práticas sociais, de sua vivência, percebe o espaço através da observação, ao mesmo tempo em que se relaciona com outros indivíduos, com objetos e com o próprio espaço participando, assim, ativamente de sua construção. E também que cada indivíduo percebe o espaço de formas diferentes, do mesmo modo que vive nele.

Para a fenomenologia compreender o espaço é considerar o vivido e o percebido inspirado na subjetividade da realidade, que faz com que a intuição se torne um elemento importante no processo do conhecimento, na qual a representação subjetiva do espaço por meio da percepção faz o homem recuperar o humanismo que trás significados e valores ao espaço vivido que é construído pela percepção e pelos indivíduos através das práticas sociais. (PEREIRA et al, 2010, p.177)

### 3.2 Técnicas

Os procedimentos técnicos desenvolvidos para a realização deste estudo consistem nas seguintes atividades:

- abordagem inicial sobre a temática “Espacialidade” e “Espaço Urbano” no contexto das aulas de Geografia;
- utilização de imagens que remetem à história e às configurações espaciais, atual e antiga, do município onde a escola está localizada;
- trabalhos de campo desenvolvidos com a finalidade de observar e conhecer o espaço no qual se está inserido.

Ao longo do ano letivo de 2014, foi trabalhado com as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental da escola em questão, diversos conteúdos que envolviam o tema Espaço Urbano, entre os quais podemos citar:

- Semelhanças e diferenças entre zona urbana e zona rural;
- Os bairros e os tipos de bairros;
- A circulação de pessoas, produtos e serviços;
- O caminho para a escola.

A partir de então, foram desenvolvidos diálogos que fizeram as crianças relatar suas experiências e seu cotidiano, de acordo com cada conteúdo, utilizando sempre atividades que envolvessem imagens, com o objetivo de analisar como cada uma percebia o espaço através do olhar, da observação.

Nesse contexto de aprimorar o olhar espacial sobre o mundo ao seu redor, foi elaborado um projeto, junto com toda a escola, onde os alunos abordaram o tema: Os 150 anos de Campina Grande e desenvolveram trabalhos relacionados com este tema e de acordo com a faixa etária de cada turma. Este tema foi escolhido pela escola também por naquele momento estar sendo comemorado o aniversário de 150 anos da cidade. As turmas de 2º e 3º anos fizeram um trabalho a partir da observação das imagens de alguns pontos históricos da cidade e análise das mudanças visíveis ocorridas nos diferentes espaços e explicação de tais transformações com pequenas produções textuais, assim como representação através de desenhos daquilo que tinham observado.

Para a execução do trabalho (ver apêndice A), foram utilizadas imagens antigas da cidade de Campina Grande de alguns pontos importantes da História da mesma, que resistiram ao tempo, porém que sofreram transformações no espaço em que estão inseridos e



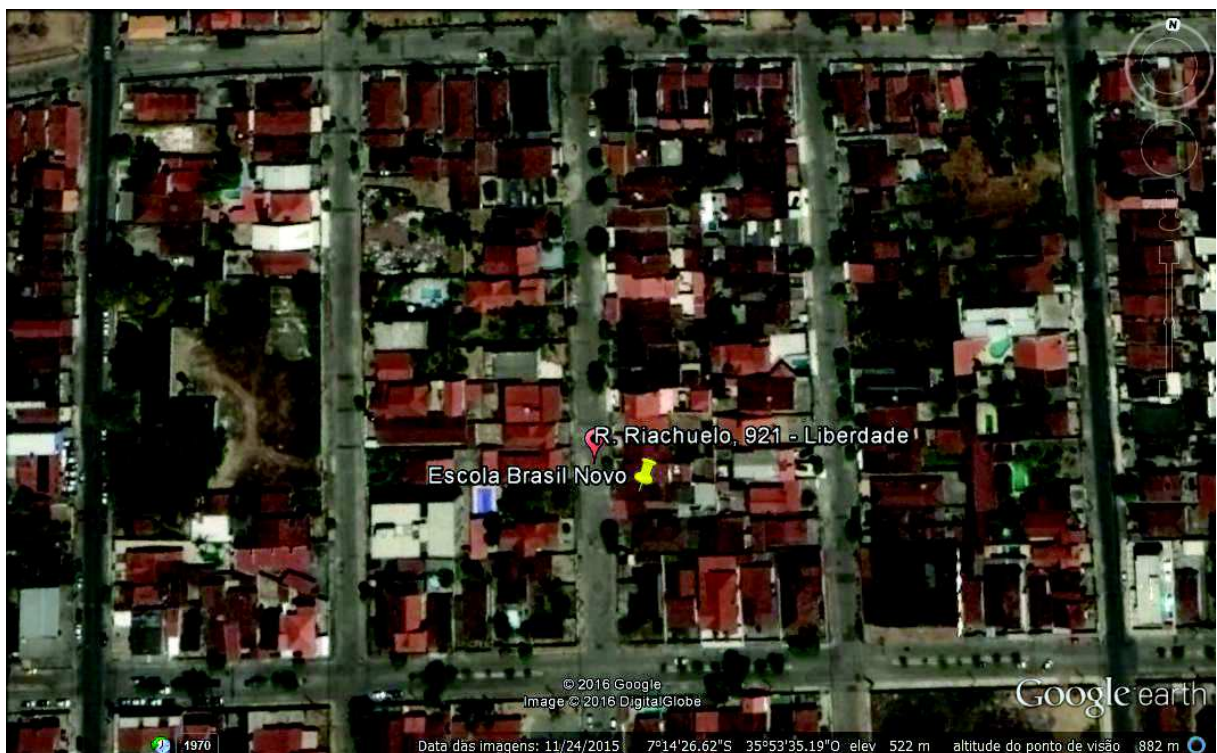
em seus arredores. Foram escolhidas as imagens dos seguintes pontos históricos da cidade: a Estação Velha, a Catedral, o Açude Velho e o Açude Novo. E, após a delimitação dos locais a serem observados, foi realizada a aula de campo que levou os alunos de toda escola a visitarem e a conhecerem um pouco da história de cada um desses lugares.

Além dessa, foi desenvolvida também outra aula de campo com os alunos do 2º e 3º anos, com a finalidade de desenvolver neles capacidades cartográficas já trabalhadas em sala de aula, com o manuseio de mapas e atividades sobre os mesmos, a partir da observação e da percepção do espaço que envolvia o quarteirão da escola, onde lhes foi solicitado que anotassem ao longo do trajeto observado, informações como: nome das ruas que compõem o quarteirão e quantidade de casas em cada um dos quatro lados do mesmo (ver apêndice B). Com os dados coletados, lhes foi explicado em sala que eles iriam desenvolver um desenho de um mapa do quarteirão a partir dos dados que eles coletaram.

### 3.3 Caracterização da Escola e das Turmas

A Escola Brasil Novo está localizada no município de Campina Grande/PB, na Rua Riachuelo, Nº 921, no bairro da Liberdade, conforme Figura 1:

Figura 1: Localização geográfica da Escola Brasil Novo.



Fonte: Google Earth/ Manipulada por: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2016.

Fundada no ano de 1994, a Escola Brasil Novo é uma escola da rede privada do município, e funciona nos horários da manhã e tarde, das 07h00min horas às 11h30min e das 13h00min às 17h00min, ou em tempo integral, das 07h00min da manhã até às 17h00min da tarde. Possui turmas do Ensino Infantil e do Fundamental I que vão do Berçário até o 5º ano. Atualmente a escola possui 45 alunos. Seu espaço dividi-se em 7 salas de aula, diretoria/secretaria, mini-biblioteca, pátio para recreação, 2 banheiros e cozinha. Os recursos tecnológicos disponibilizados para o uso em sala são 2 televisores e 1 aparelho de DVD. A escola dispõe ainda de três modalidades esportivas: Judô, Balé e Futsal, este último desenvolvido em um espaço fora da escola.

As atividades foram desenvolvidas com as turmas de 2º e 3º anos da escola, que juntas somavam o total de 9 alunos, sendo 2 meninas e 2 meninos na turma do 2º ano e 1 menina e 4 meninos na turma do 3º ano, numa faixa etária entre 7 a 9 anos. A maioria estudava apenas no turno da tarde e apenas 4 permaneciam em horário integral na escola. Todos residiam no município de Campina Grande, no mesmo bairro da escola ou em bairros vizinhos.

#### **4. RESULTADOS**

Foi possível perceber ao longo das aulas de Geografia que os alunos participavam mais ativamente das mesmas quando essas envolviam o trabalho com imagens, mapas ou desenhos, e lhes permitiam dar suas opiniões ou relatar o que sabiam sobre o conteúdo, e que a partir daí, se tornava bem mais fácil de questionar e refletir sobre os conteúdos estudados.

Ao ser percebido essa facilidade e mediante a necessidade de se trabalhar a data comemorativa do aniversário da cidade, foi elaborado para as turmas do Fundamental I da escola o projeto: Campina Grande – 150 anos.

Inicialmente, foi explicado às crianças que elas participariam de uma aula de campo, com a finalidade de observarem e conhecerem alguns pontos muito importantes para história da cidade. Nessa aula de campo, as professoras falavam um pouco da História de cada lugar visitado. As Figuras 2, 3 e 4, que seguem, apresentam a visita das turmas à Estação Velha, ao Museu do Algodão, ao Açude Velho e às Estátuas os Pioneiros da Borborema.

Figura 2: Visita à Estação Velha e ao Museu do Algodão em Campina Grande.



Fonte: Cláudia Brasil<sup>1</sup>, 2014.

Na Figura 2, a professora fala da história da Estação Velha, relatando a importância da chegada do trem na cidade de Campina Grande, no ano de 1907, assim como da sua importância para o transporte do algodão, produto que movimentou consideravelmente a economia da cidade de Campina Grande no século XX. Ainda no museu do Algodão, foi observado com os alunos os arredores do local e as construções referentes aos antigos galpões usados na época para armazenar o algodão, entre outros produtos carregados pelo trem.

Nas figuras 3 e 4, visualiza-se os alunos no entorno do Açude Velho e nas estátuas “Os Pioneiros da Borborema”. Foi explicado que o Açude Velho já foi utilizado para abastecimento humano na cidade, sendo hoje um importante cartão-postal para Campina Grande, embora se encontre poluído, por ser utilizado na condução de esgotos da cidade.

A professora falou também do significado das estátuas “Os Pioneiros da Borborema”: o Índio, que representa os primeiros habitantes da região; a Catadora de Algodão, que representa o trabalho da mulher e a importância do algodão para a cidade; e o Tropeiro, que representa os viajantes que fizeram morada, dando início à vila que se tornou cidade.

---

<sup>1</sup> Professora da Escola Brasil Novo.

Figuras 3 e 4: Visita ao Açude Velho e às Estátuas “Os Pioneiros da Borborema”



Fonte: Cláudia Brasil<sup>2</sup>, 2014.

O último local visitado foi o Açude Novo (Figura 5), onde a professora explicou que ali já havia tido também a função de abastecer a cidade de Campina Grande, construído depois do Açude Velho e após alguns anos, transformado no Parque Evaldo Cruz, espaço que serve de harmonia paisagística e de área de lazer na cidade de Campina Grande, muito embora não receba muita visitação, em função da marginalidade presente no local.

Figura 5: Visita ao Açude Novo.



Fonte: Cláudia Brasil<sup>2</sup>, 2014.

---

<sup>2</sup> Professora da Escola Brasil Novo.



Em cada local visitado, foi observado que os alunos estavam entusiasmados com as histórias dos espaços que eles já haviam visto, mas que pouco conheciam. Durante as explicações, os alunos também expuseram os seus conhecimentos e sempre lhes era perguntado o que mais os chamava atenção nos espaços e o que eles viam ao seu redor.

Após a aula de campo, foi entregue aos alunos em sala de aula (figuras 6 e 7) o trabalho onde eles observaram imagens antigas dos lugares visitados. Foi explicado às crianças que elas deveriam representar através de desenhos os espaços que visitaram, e produzir um pequeno texto falando sobre cada local, e sobre as transformações que elas haviam percebido através da observação e das explicações ministradas em campo.

Figuras 6 e 7: Continuação do projeto em sala de aula.



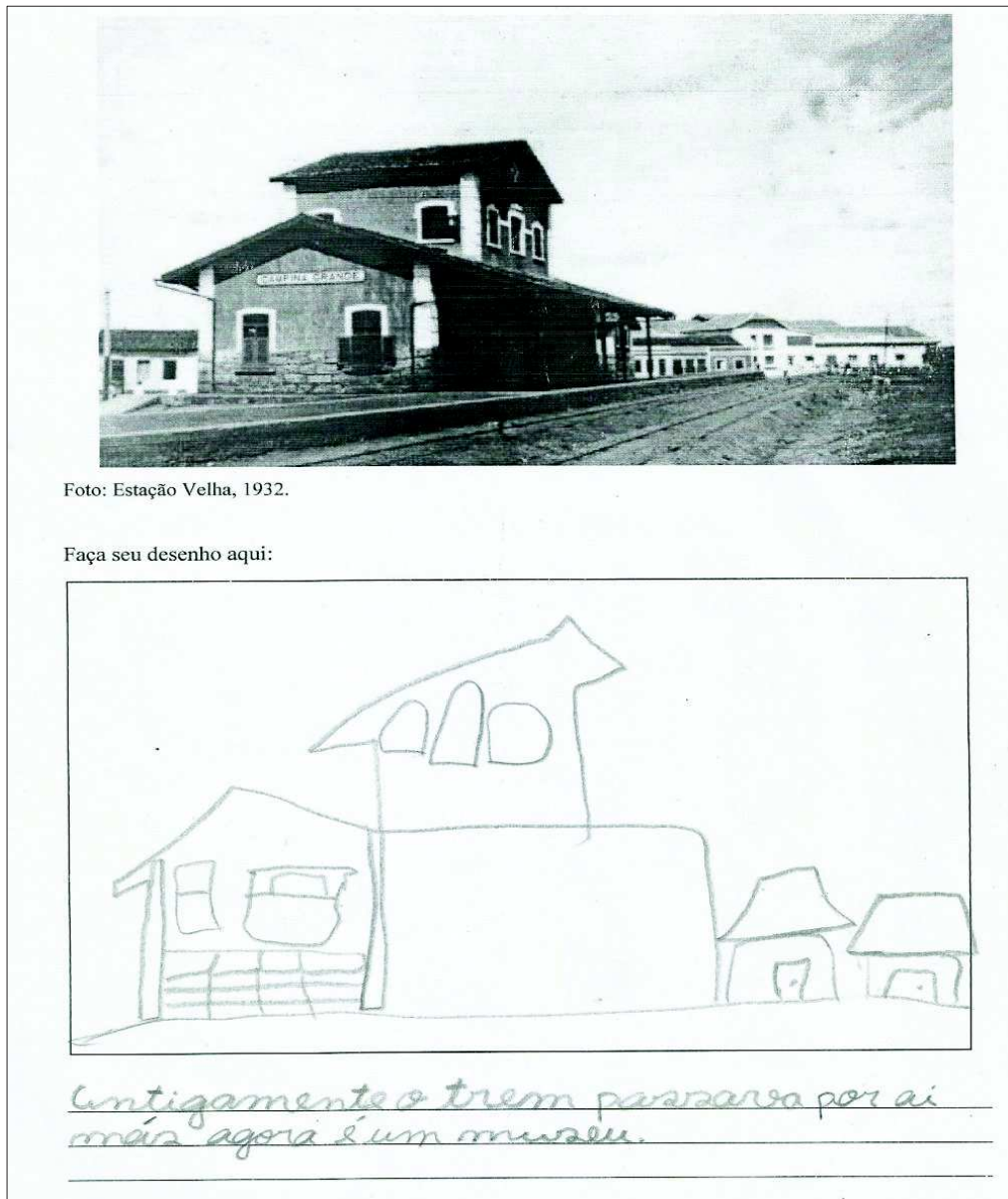
Fonte: Rosiely Teixeira<sup>3</sup>, 2014.

Os resultados dos trabalhos escritos foram satisfatórios, pois ao analisar as imagens antigas da cidade de Campina Grande e as comparar com as informações que eles obtiveram ao longo da aula de campo, as crianças puderam identificar quais as diferenças relacionadas entre o atual e o antigo, e cada uma destacou os detalhes e as observações que mais lhes chamou atenção através da produção textual e do desenho. A Figura 8 apresenta uma das produções realizadas pelos alunos pós-aula de campo.

---

<sup>3</sup> Professora da Escola Brasil Novo

Figura 8 – Parte do trabalho de um dos alunos sobre a Estação Velha.



Fonte: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2014. Imagem digitalizada.

Na Figura 8 pode-se observar que o aluno dá atenção ao fato de que o uso que era feito daquele espaço não é mais o mesmo, que atualmente a estação de trem tornou-se um museu, onde eles viram fotos e documentos antigos da cidade de Campina Grande e daquela própria área, e também objetos relacionados ao algodão transportado na época. Já na Figura 9, em sequência, percebe-se que outro aluno descreve uma característica que lhe chamou atenção sobre a paisagem daquele lugar, as construções de prédios ao redor da Estação, antigamente não existentes.

Figura 9: Parte do trabalho de um dos alunos sobre a Estação Velha.

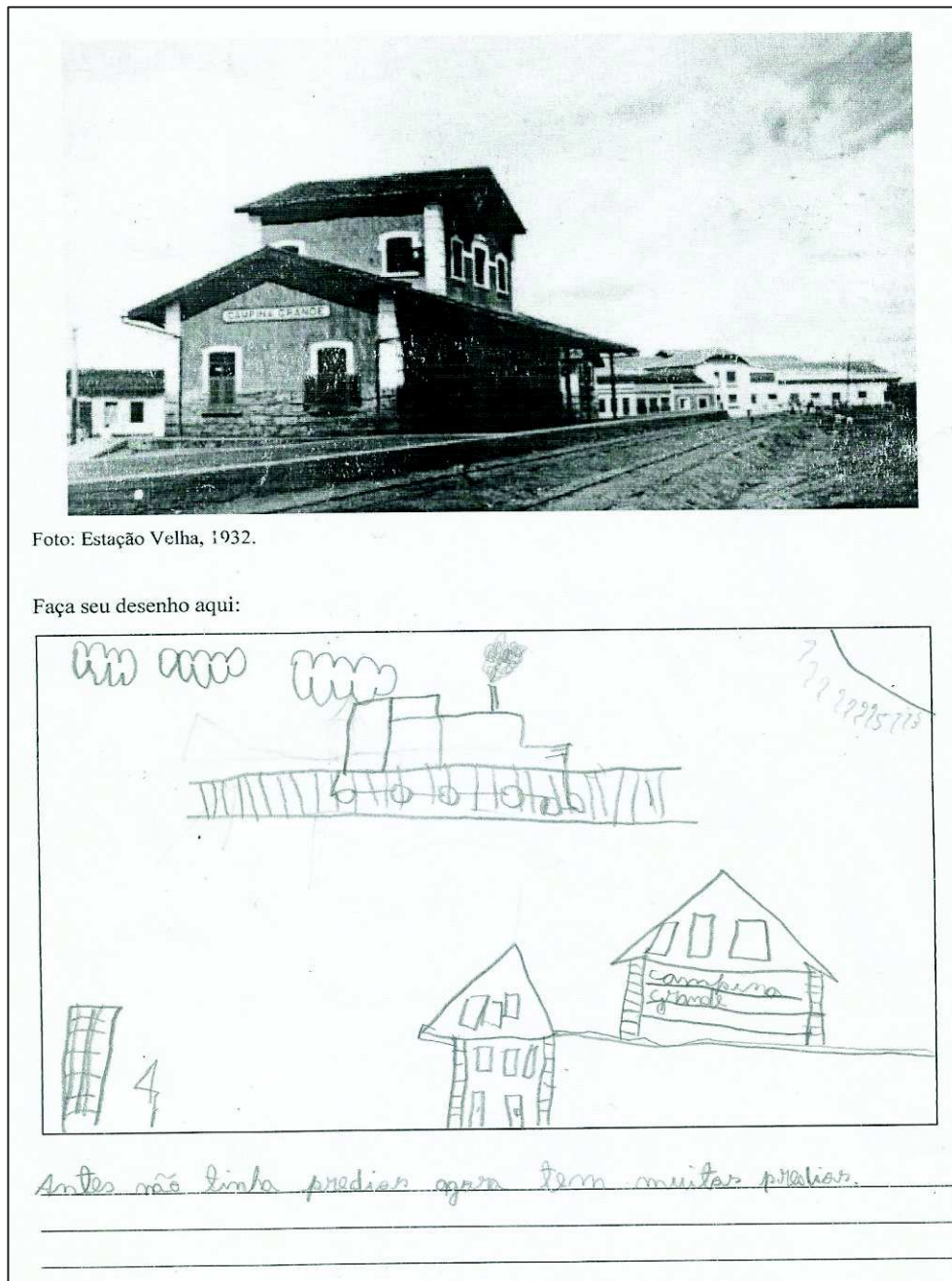


Foto: Estação Velha, 1932.

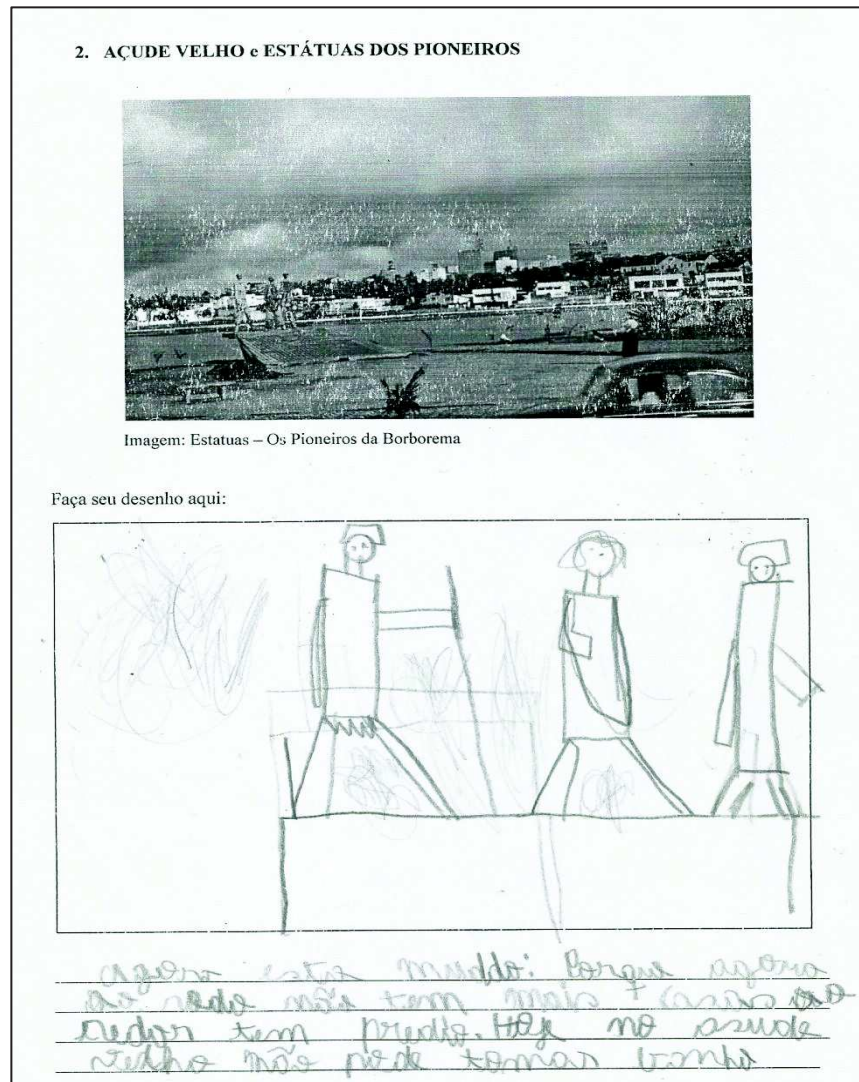
Faça seu desenho aqui:

Fonte: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2014. Imagem digitalizada.

Foi possível perceber, também, o quanto as crianças ficaram entusiasmadas em relatar alguma informação que sabiam sobre os lugares, ou que já haviam visitado com seus familiares. Na Figura 10, pode-se observar que o aluno 3 transmite com suas palavras detalhes da paisagem antiga do Açude Velho, comparadas a realidade atual daquele espaço, dando ênfase a questão da transformação do espaço ao redor do açude e ao uso que era antes feito do mesmo.



Figura 10: Parte do trabalho do aluno 3 sobre o Açude Velho.



Fonte: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2014. Imagem digitalizada.

Além das atividades integrantes do projeto sobre os 150 anos de Campina Grande, foi realizado com as turmas outra aula de campo, esta com a finalidade de desenvolver nos alunos a capacidade de se trabalhar com observação e coleta de dados de pequenas áreas, no caso, o quarteirão da escola, e desenvolver também noções básicas de Cartografia.

Durante o ano letivo, foi trabalhado com os alunos algumas atividades voltadas para a Cartografia, como por exemplos atividades do livro didático que envolviam questões sobre o seu bairro, ou desenhar o caminho de casa até a escola. A partir de tais conhecimentos, foi possível observar que as crianças do nível Fundamental percebiam o espaço no qual estão inseridas e o descreviam com uma riqueza impressionante de detalhes (desde estabelecimentos comerciais variados até o aspecto das casas, das ruas, dos objetos dispostos pelas mesmas, da movimentação de pessoas).



Percebeu-se também um entusiasmo particular das crianças em relação às atividades que as envolviam diretamente com os conteúdos e que as faziam desenvolver as habilidades de desenho, representando aquilo que estava ao seu redor. Foi combinado que em sala as mesmas observariam as ruas próximas à escola, e dariam atenção à quantidade de casas de cada rua, fazendo as anotações de acordo com cada rua observada (Figura 11), do lado do quarteirão da escola, e estando novamente em sala, cada uma desenvolveria o seu desenho de um mapa que deveria conter as informações obtidas durante a aula de campo.

Figura 11: Observação em campo com as turmas



Fonte: Aquyla Ávila<sup>4</sup>, 2015. Anotações sobre o espaço observado.

No segundo momento desse trabalho, já em sala de aula, foi discutido com a turma as informações que eles coletaram, e junto com eles, foi sendo montado o mapa referente ao que foi observado, como pode ser visto nas Figuras 12 e 13.

Figuras 12 e 13: Desenvolvimento do trabalho em sala de aula a partir da aula de campo.




Fonte: Patrícia Alvarenga<sup>5</sup>, 2015.

<sup>4</sup> Professora da Escola Brasil Novo.

As figuras 14 e 15, a seguir, apresentam as anotações e o desenho do mapa criado por um dos alunos da turma:

Figura 14: Anotações feitas sobre as ruas na observação em campo.



## ESCOLA BRASIL NOVO

Rua Riachuelo, 921, Liberdade, Campina Grande, Paraíba  
Telefone: (83) 3342-1212 / (83) 8801-4294 - CNPJ N° 10.564.632/0001-31

Ensinando a Criança no caminho que deve andar

Aluno: \_\_\_\_\_ Data: 11 / 12 / 2015

TRABALHANDO COM MAPAS

Vamos fazer uma aula de campo e observar as ruas do quarteirão da nossa escola, fazendo as anotações necessárias e depois criar o nosso próprio mini mapa

- Nome das ruas visitadas:

1ª Rua Riachuelo

2ª Rua Camagnotas

3ª Rua Edúcio Silva

4ª Rua João XX III

- Quantidade de casas ou outros estabelecimentos em cada rua:

1ª 15 + 2 = 17

2ª 2ª É uma escola - 7 casas

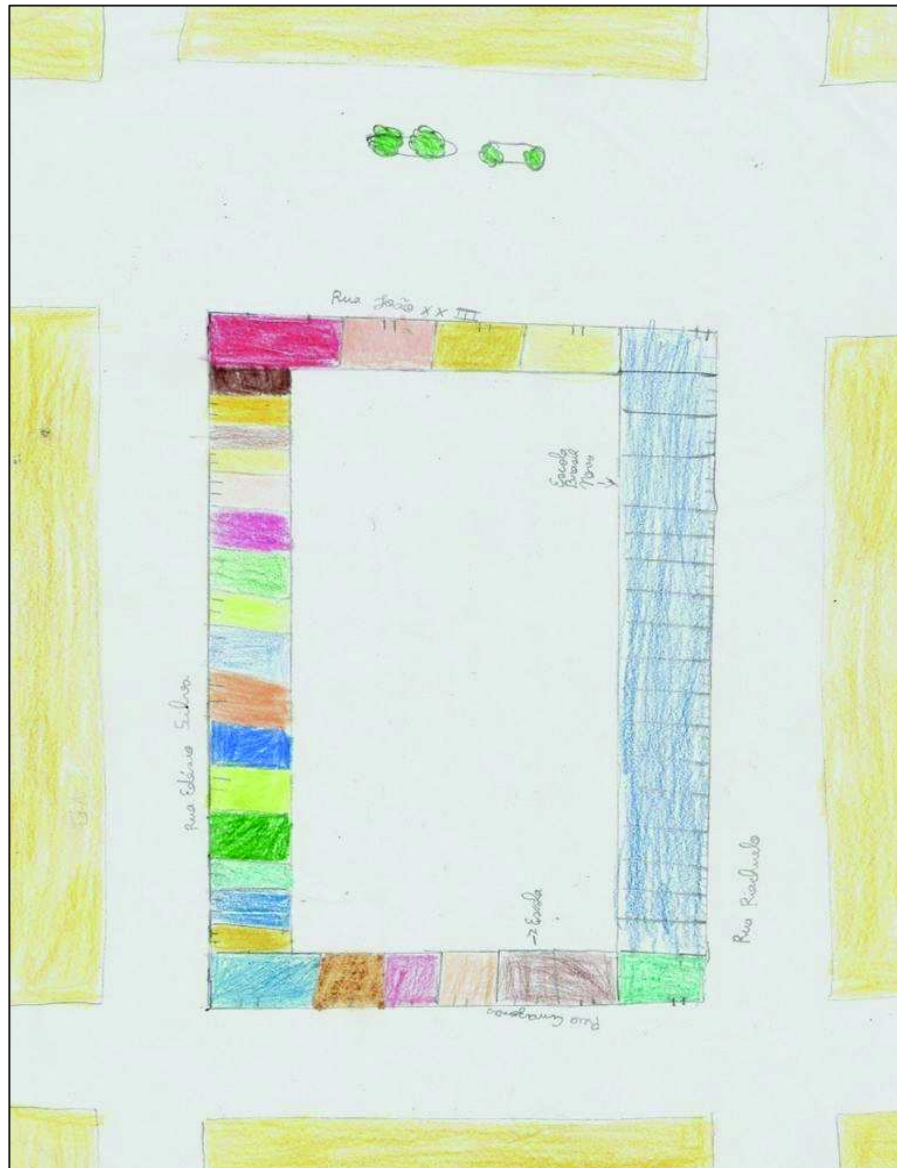
3ª 16 casas

4ª 5 Essa rua tem um container

Fonte: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2015. Imagem digitalizada.

<sup>5</sup> Professora da Escola Brasil Novo.

Figura 15: Desenho do mapa mental produzido em sala de aula.



Fonte: MELQUIADES, Daniele Alvarenga, 2015. Imagem digitalizada.

Após as orientações fornecidas, cada aluno desenhou o seu próprio mapa, de acordo com as informações coletadas em campo, utilizando lápis e régua, sempre atentos ao número de casas de cada rua. Os alunos relataram as dificuldades de se representar o real no papel, onde o problema era encaixar o número de casas num espaço menor, e lhes foi explicado a importância da escala nos mapas, pois serve para facilitar e representar com precisão, porém em tamanho menor a realidade no papel.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ensinar crianças das séries iniciais do nível Fundamental, é fácil perceber a riqueza de informações diárias e o entusiasmo de se aprender algo novo, muitas vezes perdido ao longo do caminho, se comparadas a alunos dos níveis finais da vida escolar. E é com esse entusiasmo que os professores de Geografia dessas séries devem trabalhar os conteúdos e temas respectivos à faixa etária correspondente. Saber que essas crianças estão iniciando o processo de alfabetização, não só relacionado à leitura e escrita de textos da disciplina de Português, ou à utilizar os números e as operações matemáticas, mas também compreender a espacialidade, alguns conceitos da Geografia, interpretar imagens, elaborar mapas, enumerar dados, entre tantas outras atividades com as quais passarão a trabalhar ao longo dos anos.

A partir das atividades realizadas com as turmas, foi possível perceber que os alunos desenvolveram seus trabalhos perante os conhecimentos que já possuíam acerca dos espaços observados, assim como dos novos conhecimentos adquiridos nas aulas de campo. Essas, relacionadas ao trabalho com as imagens, e a partir das diferentes formas de uso das mesmas, seja para observação de uma paisagem, ou na elaboração de um mapa, comprovaram que o ensino de Geografia pode se tornar mais dinâmico e atrativo para as crianças, mediante o desenvolvimento de alternativas eficazes para uma melhor compreensão dos conteúdos da disciplina.

Conclui-se que diferentes recursos e metodologias podem ser desenvolvidos ao longo das aulas para facilitar a compreensão dos conteúdos geográficos, como o uso de imagens e as aulas de campo, que instigam a curiosidade e a criatividade dos alunos, assim como sua capacidade de observar, comparar, criticar, questionar, criar, dar sua opinião acerca dos assuntos estudados, a partir da maneira como cada um percebe o espaço no qual se vive, através de suas próprias experiências de vida, de seus cotidianos, afinal, estudar Geografia é entender a relação entre ser humano e natureza, entre a sociedade e o espaço no qual se está inserido. Essa relação está presente no dia-a-dia de cada um, e deve ser trabalhado para melhor desenvolver o ensino-aprendizagem de Geografia.



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria C. C. et al., As metodologias de ensino de Geografia na Escola Estadual Antônio Pinto de Medeiros, Natal/RN: a percepção dos estudantes. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7., 19 à 21 out. 2012, Palmas. **Ciência, Tecnologia e Inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional**. Disponível em: <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/5395/2802> Acesso em: 06 de fevereiro de 2016.
- CALADO, Flaviana Moreira. O ensino de Geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes**, Fortaleza, v.3, n.5, p. 12-20, 2012. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/article/pdf501> Acesso em 27 de dezembro de 2015.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n.66, p. 227-247, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes> Acesso em 27 de dezembro de 2015.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. Um breve referencial teórico e a educação geográfica. In: **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage, 2010. p. 1-21.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo. In: **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008. p. 15-38.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.
- MOREIRA, Ruy. Espaço e Trabalho: a forma e a essência da Geografia. In: **O que é Geografia**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 85 à 93.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Educação e Ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 135-144.
- PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito P. de. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 173-178, 15 de julho de 2010.
- PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. p.7-17.
- SANTANA, Luzia Martins de; BARBOSA, Joilma do Ramo. **O uso de leitura da imagem nas aulas de Geografia e para o estudo da paisagem no ensino da Geografia: Reflexões a partir da experiência vivenciada, relações na teoria, práticas**. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DA UEPB, 5., 2015, Campina Grande. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO\\_EV043\\_MD1\\_SA5\\_ID1258\\_30062015143948.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA5_ID1258_30062015143948.pdf). Acesso em 28 de dezembro de 2015.

SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 67-82.

\_\_\_\_\_. Do físico ao humano. Do natural ao artificial. Geografia física, Geografia Humana. In: **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 95-102.

\_\_\_\_\_. A renovação de uma disciplina ameaçada. In: **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 25-40.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: da realidade à totalidade**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2002, João Pessoa.

VESENTINI, José Wiliam. Geografia Crítica e Ensino. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 30-38.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A – PROJETO: OS 150 ANOS DE CAMPINA GRANDE**



# ESCOLA BRASIL NOVO

Rua Riachuelo, 921, Liberdade, Campina Grande, Paraíba  
Telefone: (83) 3342-1212 / (83) 8801-4294 - CNPJ Nº 10.564.632/0001-31

**Ensinando a Criança no caminho que deve andar**

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

## Aula de campo: Campina Grande 150 Anos

A partir do que vimos no passeio por alguns pontos históricos importantes da nossa cidade, analise as imagens antigas a seguir, faça um desenho de como você observou cada espaço na aula de campo e escreva algo sobre as paisagens que você analisou.

### 1. MUSEU DO ALGODÃO E ESTAÇÃO VELHA



Foto: Museu do Algodão e réplica da Maria Fumaça.





Foto: Estação Velha, 1932.

Faça seu desenho aqui:

---

---

---

---

## 2. AÇUDE VELHO e ESTÁTUAS DOS PIONEIROS



Imagem: Estatuas – Os Pioneiros da Borborema

Faça seu desenho aqui:

---

---

---



Imagem: Açude Velho, 1950.

Faça seu desenho aqui:

---

---

---

### 3. CATEDRAL NA FLORIANO PEIXOTO



Imagem: Catedral nos anos 80.

Faça seu desenho aqui:

---

---

---

#### 4. AÇUDE NOVO



Imagem: Açude novo nos anos 80.

Faça seu desenho aqui:

---

---

---

**APÊNDICE B – TRABALHO COM MAPA E AULA DE CAMPO**





# ESCOLA BRASIL NOVO

Rua Riachuelo, 921, Liberdade, Campina Grande, Paraíba  
Telefone: (83) 3342-1212 / (83) 8801-4294 - CNPJ Nº 10.564.632/0001-31

**Ensinando a Criança no caminho que deve andar**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## TRABALHANDO COM MAPAS

Vamos fazer uma aula de campo e observar as ruas do quarteirão da nossa escola, fazendo as anotações necessárias e depois criar o nosso próprio mini mapa

- Nome das ruas visitadas:

1<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

2<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

3<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

- Quantidade de casas ou outros estabelecimentos em cada rua:

1<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

2<sup>a</sup> \_\_\_\_\_

3<sup>a</sup> \_\_\_\_\_